



Vamos ao encontro de Jesus.
Ele nos abre as portas à felicidade!

Jesus e a cananeia

Se acreditamos Nele como esta mulher cananeia, podemos viver como homens salvos, ou seja, como homens guiados pelo Espírito de Deus. A nossa finitude abre-se para o infinito. O nosso desejo encontra o seu repouso em Deus. O nosso amor experimenta a alegria de nos doarmos totalmente e de nos darmos a nós mesmos. [...]

Esta página é sem dúvida uma das mais belas e comoventes do Evangelho e acredito que podemos aproveitar algumas aplicações para nós próprios. Também para nós existe uma geografia espiritual das nossas vidas e dos nossos corações. Há terras ocupadas por Israel e há também, nos nossos corações, muitas



idades que podem ser chamadas de Tiro ou Sidônia, Canaã ou Decápole ou outros lugares semelhantes. Ao mesmo tempo, há terras onde nos reconhecemos, aquele lugar íntimo e profundo de onde brota a nossa oração, de onde brota a nossa fé, de onde brota o nosso clamor a Deus. [...] ⁽¹⁾

Onde é que não ousamos sequer pedir, como a mulher cananeia, que ele deixe cair as migalhas da mesa das crianças? Então talvez fiquemos surpreendidos, pois se verdadeiramente, como aquela mulher cananeia, clamarmos com fé ao Senhor, naquelas terras de Tiro e Sidônia surgirá alguma cura misteriosa, alguma fonte de vida, alguma oração, algum dom de si aos outros, alguma forma de responder verdadeiramente ao chamado de

Deus. Então essa profundidade pagã mais antiga de nós mesmos será verdadeiramente o lugar da Palavra de Deus, o lugar da superabundância da graça, lá onde ela brota quando menos esperamos. [...] ⁽²⁾

“Na língua grega em que o Evangelho é escrito, esta bem-aventurança é expressa com um verbo que não está no passivo - na verdade os bem-aventurados não são vítimas desse choro - mas no ativo: “os que choram”; choram, mas por dentro. É uma atitude que se tornou central na espiritualidade cristã, à qual os padres do deserto, os primeiros monges da história, chamaram “penthos”, ou seja, uma dor interior que se abre a uma relação com o Senhor e com o próximo.



Este choro, nas Escrituras, pode ter dois aspectos: o primeiro é pela morte ou sofrimento de alguém. O outro aspecto são as lágrimas pelo pecado - pelo próprio pecado - quando o coração sangra pela dor de ter ofendido a Deus e ao próximo.

Trata-se, portanto, de amar o outro de maneira tal que nos vinculamos a ele ou a ela até compartilharmos a sua dor. Há pessoas que permanecem distantes, um passo atrás; ao contrário, é importante que os outros conquistem o nosso coração.

Falei muitas vezes do dom das lágrimas, e de como é precioso (cf. Exort. ap. pós-sin. *Christus vivit*, 76; Discurso aos jovens da Universidade de São Tomás, Manila, 18 de janeiro de 2015; Homilia na quarta-feira de Cinzas, 18 de fevereiro de 2015). Podemos amar de uma forma fria? Podemos amar por função, por dever? Claro que não. Há alguns aflitos para consolar, mas às vezes há também consolados para afligir, para despertar, que têm um coração de pedra e não aprenderam a chorar. É necessário também



despertar as pessoas que não se deixam comover pela dor dos outros.

O luto, por exemplo, é um caminho amargo, mas pode ser útil para abrir os olhos para a vida e para o valor sagrado e insubstituível de cada pessoa, e nesse momento percebemos quão curto é o tempo.

Há um segundo significado desta p a r a d o x a l b e m -aventurança: chorar pelo pecado. Aqui é necessário distinguir: há aqueles que estão irados por terem cometido um erro. Mas isto é orgulho. Ao contrário, há quem

chora pelo mal feito, pelo bem omitido, e pela traição do relacionamento com Deus. Este é o choro por não ter amado, que nasce da preocupação pelas outras pessoas. Neste caso, choramos porque não correspondemos ao Senhor que nos ama tanto, e entristece-nos o pensamento do bem que não praticamos; este é o significado do pecado. Estes dizem: “Ofendi aquele que amo”, e isto os faz sofrer até às lágrimas. Deus seja abençoado se houver estas lágrimas!

Este é o tema dos próprios erros a enfrentar, difícil mas vital. Pensemos no choro de São Pedro, que o levará a um amor novo e muito mais verdadeiro: é um choro que purifica, que renova. Pedro olhou para Jesus e chorou: o seu coração foi renovado. Ao contrário de Judas, que não aceitou ter errado e, pobre homem, suicidou-se. A compreensão do pecado é um dom de Deus, é uma obra do Espírito Santo. Nós, sozinhos, não conseguimos entender o pecado. É uma graça que devemos pedir. Senhor, que eu entenda o mal que cometi ou o que posso cometer. Este é um dom muito grande e depois de ter compreendido isto, vem o choro de arrependimento.

Um dos primeiros monges, Efrém, o Sírio, diz que um rosto lavado pelas lágrimas é de uma beleza indescritível (cf. Discurso ascético). A beleza do arrependimento, a beleza do choro, a beleza da contrição! A vida cristã tem sempre a sua melhor expressão na misericórdia. Sábio e bem-aventurado é aquele que acolhe a dor relacionada com o amor, porque receberá a consolação do





Espírito Santo que é a ternura de Deus que perdoa e corrige. Deus perdoa sempre: não nos esqueçamos disto. Deus perdoa sempre, até os piores pecados, sempre. O problema está em nós, que nos cansamos de pedir perdão, fechamo-nos e não pedimos perdão. É este o problema, mas Ele está ali para perdoar.

Se tivermos sempre em mente que Deus “não nos tratou segundo os nossos pecados, nem nos castigou segundo as nossas culpas” (Sl 103, 10), vivemos na misericórdia e na compaixão, e em nós surge o amor. Que o Senhor nos conceda amar em

abundância, amar com o sorriso, com a proximidade, com o serviço e também com o choro. [...] ⁽³⁾

Saber chorar com os outros: isto é santidade.

(1) <https://www.sedifop.com/20ieme-dimanche-du-temps-ordinaire-homelie-du-frere-daniel-bourgeois-paroisse-saint-jean-de-malte-aix-en-provence/>

(2) Ibid.

(3) PAPA FRANCISCO – AUDIÊNCIA GERAL – Quarta-feira, 12 de fevereiro de 2020

Oração

Como estais com os pobres, Senhor, estais com aqueles que choram, vós que chorastes com a viúva de Naim e com as irmãs de Lázaro. As lágrimas são o sinal de que a alma não está congelada. Enchei os nossos corações, Senhor, não com compadecimento, mas com ternura, enchei-os de compaixão pelos outros, começando por aqueles que nos são mais próximos. Ensinai-nos a partilhar o sofrimento dos aflitos, a carregar os seus fardos, a ficarmos ativamente ao seu lado. Nada nos une mais fortemente a Deus e às pessoas. Fazei-nos atentos, Senhor, àqueles que choram; pois é através dos olhos deles que vós chorais. Todos os prantos derramados de geração em geração se afundam no oceano do seu Amor. Dai-nos a sabedoria para velar incessantemente nas portas do imenso reino da dor.

(Gilbert Cesbron)

7